

Redução de Riscos em contextos festivos, noctívagos e boémios

Joana Pereira (entrevistada)

Cláudia Rodrigues (entrevistadora)

Enquadramento/Resumo

A chamada, a organização e a edição do dossier da Revista Convergência Crítica: 'a festa, a boémia e a vida noturna', teve como objetivo a reunião de diversos contributos e conteúdos, em vários e abertos formatos, já que a abrangência e alcance do tema a isso se proporcionava. Foi, então, introduzido o formato de entrevista/testemunho de personagens cujo conhecimento/experiência que possuem sobre este campo temático se considerou enriquecedor deste dossier.

A entrevista - a uma profissional da redução de riscos com experiência em diversas cidades e festivais e *party player* - surge da necessidade sentida em explorar as práticas e enquadramentos da redução de riscos associada ao uso de substâncias psicoativas, já que se assume a íntima e ancestral ligação do uso destas substâncias, também chamadas de drogas, com os cenários festivos, noctívagos e boémios. Neste contexto, foi efetuado o convite a Joana Pereira no sentido de esta contribuir com o seu conhecimento, experiência e visões sobre a intervenção neste tipo no terreno.

A entrevista foi organizada por blocos/marcadores gerais de conteúdos temáticos e é aqui apresentada em fragmentos seleccionados que procuram traduzir os conteúdos explorados e expressos na entrevista no sentido de apresentar sumariamente as práticas/visão da redução de riscos.

A entrevistada efetua uma reflexão crítica e analítica sobre a sua experiência e perspectiva acerca da redução de riscos nestes cenários, os modos de intervenção elementares e desejáveis, as dinâmicas e práticas envolvidas, adaptações necessárias aos contextos neste tipo de intervenção. Na sua narrativa, Joana Pereira enquadra as políticas e as transformações que se têm observado neste âmbito, assumindo a relevância do ativismo no quotidiano e da democratização e disseminação da redução de riscos.

Framework/Abstract

The call, organization and edition of the dossier for Convergência Crítica Journal about 'the party, bohemian and nocturnal life', had the objective of gathering several contributions and contents, in several and open formats, considering the scope and reach of the subject.

Therefore, the interview / testimony format was introduced involving characters whose knowledge / experience on this field was considered enriching of this dossier.

The interview – of a risk reduction professional with experience in several cities and festivals and a *party player* - arises from the need to explore the practices and underpinnings of risk reduction associated with the use of psychoactive substances, since it is assumed the intimate and ancestral link between the use of these substances, also called drugs, with festive, nocturnal and bohemian scenarios. In this context, Joana Pereira was invited to contribute with her knowledge, experience and visions about the intervention in this specific field.

The interview was organized by blocks / general markers of thematic contents and it is presented here in selected fragments that aim to translate the contents explored and expressed in the interview in order to briefly present the practices / visions of risk reduction.

The interviewee does a critical and analytical reflection about her experience and perspective on risk reduction in these scenarios, the elementary and desirable modes of intervention, the dynamics and practices involved, and the necessary adaptations to the contexts in this type of intervention. In her narrative, Joana Pereira frames the policies and transformations that have been observed in this area, assuming the relevance of activism in the daily life and the democratization and dissemination of risk reduction.

NOTA BIOGRÁFICA

Joana Pereira (Porto, 1989) tem um mestrado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, com uma dissertação dedicada à experiência de uso de substâncias psicadélicas com o título: "Ir Para Fora Cá Dentro" (2014). Nos últimos 3 anos trabalhou no *Check-in Free Mind*, equipa que intervém e produz conhecimento no campo da mediação entre prazeres e riscos em cenários noctívagos e festivos. Neste contexto, esteve envolvida em serviços de informação e disponibilização de materiais ligados ao uso de substâncias psicoativas e sexualidade, de *tripsitting* e de *drug checking*. Numa linha antiproibicionista e libertária, advoga pela liberdade experiencial e expressiva, assim como pela emancipação comunitária. Em 2018 foi co-fundadora da Sociedade Psicadélica do Porto / Porto Psychedelic Society.

REDUÇÃO DE RISCOS EM CONTEXTOS FESTIVOS: O QUE É?

A redução de riscos é uma filosofia e um conjunto de práticas que visa reduzir os riscos associados ao uso de substâncias psicoativas, neste caso, e que aplicada aos contextos festivos e também à frequência desses contextos, apresenta algumas especificidades.

Baseando-se nos princípios de redução de riscos do humanismo, do pragmatismo, da intervenção de proximidade, mediada também pela intervenção de pares, transpõe isso para os contextos onde as pessoas saem para se divertirem, que são bares, discotecas, clubs, festivais, mas também, e cada vez mais, o espaço público, ruas e praças. Essa cultura de sair e do ir à festa já não é maioritariamente noctívaga, também acontece aos fins de tarde, por exemplo.

Então, a redução de riscos em contextos festivos passa por desenvolver, pensar e implementar intervenções que façam sentido para as pessoas nestes contextos, para essas pessoas arranjam estratégias e ferramentas para que possam gerir os seus consumos e gerirem também as suas experiências de festa, maximizando os benefícios e minimizando, tanto quanto possível, os riscos e os potenciais danos.

Na minha ótica, aquilo que distingue mais a intervenção em redução de riscos para pessoas que usem substâncias em contextos recreativos - desde o álcool, passando pela canábis, cocaína, e as ditas novas substâncias psicoativas, por exemplo - de outras em contexto de rua e em outros contextos de consumo, é, se calhar a ênfase, a maior ênfase, nos benefícios e nos prazeres, que não vejo tão representada na intervenção em redução de riscos junto de pessoas que usam crack ou heroína. Acho que essa seria uma das características que eu apontaria como diferenciadora.

Eu acho que tem a ver com adaptarmos a intervenção às pessoas e àquilo que faz sentido para as pessoas, sendo que por definição nenhuma intervenção de redução de riscos deve ser moralista. Duvido, quer como pessoa que frequenta esses contextos, quer como pessoa que faz intervenção nesses contextos, que uma mensagem que enfatize maioritariamente, ou principalmente, as consequências negativas, seja tão bem aceite e que as ações sejam tão bem implementadas se não enfatizarem aquilo que faz sentido para as pessoas e aquilo que as pessoas procuram.

Então, em relação aos serviços e ações de redução de riscos que destaco vamos dividir isto em nível essencial, ou básico e depois referir o que seria o nível desejável:

Nível básico ou elementar das ações/serviços de redução de riscos:

i. Disponibilização de material para consumo mais seguro

Então, eu acho que a disponibilização de material estéril para consumo, não necessariamente numa ótica - e esse é um, não sei se lhe chame risco, da redução de riscos - de as pessoas saberem que têm ali material, mas numa ótica de explicar por que é que é importante que as pessoas usem material estéril e sensibilizar tanto quanto possível para que as pessoas a próxima vez que saírem para ir à festa já levem os seus materiais.

A disponibilização de material estéril para consumo pode passar por instrumentos para o consumo aspirado, por água destilada ou soro fisiológico, por cachimbos, etc. Para vários tipos de substâncias que as pessoas podem consumir nestes contextos, quer por via aspirada, o tubo de snif, quer por via fumada, então os cachimbos para um uso, por exemplo, de crack, que é muito menos comum, mas que também existe, e acho que é importante existir todo o material, que passa, por exemplo,

também por material destinado a consumo fumado, filtros e eventualmente mortalhas não branqueadas. E numa ótica de festas mais seguras e por questões de sexualidade, também o preservativo (masculino e feminino) e lubrificante.

ii. Disponibilização de serviços de análise de substâncias

Os serviços de análise de substâncias são serviços integrados que envolvem análise química das substâncias que as pessoas compraram e que querem utilizar e o acompanhamento por parte de pessoas, profissionais especializados, que fazem a devolução de resultados, integrada, com dicas personalizadas de uso mais seguro daquela substância e de outras que a pessoa reporte utilizar. Há 3 momentos aqui: a recolha da amostra e uma conversa inicial onde se estabelece a relação com a pessoa e onde se fazem algumas perguntas essenciais como onde é que adquiriu a substância, o que acha que é, se já usou; depois há o momento da análise química e a parte da devolução de resultados que integre a informação do momento inicial e o resultado da análise.

Isto tudo tem por objetivo um uso mais seguro da substância e mais informado... Um uso só pode ser mais seguro se for informado, se a pessoa não souber o que é que está a usar ou qual é a concentração daquilo que está a usar, ou... Daí colocar isto no registo elementar por toda a adulteração que existe de substâncias e por cada vez haver mais novas substâncias que imitam os efeitos, a aparência, a cor, a textura, daquelas tradicionais e por haver muitos relatos de experiências negativas, e nalguns casos graves, e em que a informação posterior revelou uma substância que não era aquela que a pessoa queria usar ou uma substância que até era aquela que a pessoa queria usar, mas em doses anormais para o mercado em questão.

O drug checking requer algumas condições específicas, até por questões como o anonimato e a privacidade das pessoas que recorrem ao serviço. Então, dependendo da técnica que utilizes, tens que ter um espaço físico reservado para o efeito [técnicas] e tens que ter um espaço onde possas conversar com a pessoa de forma resguardada de algum modo. As exigências de condições de espaço para o drug checking poderia ser resolvido com uma unidade móvel, pode ser uma possibilidade...

iii. Intervenção em situações de crise relacionadas com o uso de substâncias

Nas intervenções em situações de crise relacionadas com o uso das substâncias, idealmente acho que deve ser composta não só por intervenção em emergências psicológicas, em experiências difíceis, de ansiedade ou experiências psicadélicas mais intensas, mas acho também essencial que a equipa seja composta por profissionais de saúde, como enfermeiros, ou alguém com muita experiência hospitalar e psiquiatria, para despistar, para fazer uma despistagem eficaz, e isto tudo de forma autónoma pela equipa, pelas pessoas que estão a fazer este tipo de intervenção.

iv. Espaço de descanso

Ainda ao nível elementar... Eu diria que é essencial existir um espaço de descanso, também, mas, assim como o drug checking, adaptado ao local, há contextos em que é possível e há contextos onde não é possível, mas sempre que seja possível acho que é essencial, tal como o drug checking. Existir um espaço de descanso, um espaço com menos estímulos, onde as pessoas podem ir relaxar, sentar-se, beber água, ou conversar um bocadinho com os amigos. Esse espaço de descanso acho que é também muito essencial, principalmente em festas que duram imensas horas e com imensos estímulos, montes de músicas, montes de pessoas...

Registo do desejável na intervenção nestes contextos:

i. Integração de pares nas equipas

Os pares são pessoas que têm os mesmos comportamentos dos grupos, ou que se inserem em grupos, onde tu pretendes intervir. Neste caso, os pares são os frequentadores destes contextos, podem ser pessoas que atualmente frequentam mais ou menos, mas que tenham conhecimento profundo destes contextos e das dinâmicas associadas, quer em contexto noturno, festivo, local, quer das dinâmicas e das várias subtilidades que só alguém que está, que sai à noite e que só alguém que use substâncias ou que sabe o que é, é que consegue aperceber-se.

Tudo isto numa lógica de ser uma intervenção adaptada e que faça sentido; os pares muitas vezes ajudam, a função aqui é obviamente de mediação, e muitas vezes ajudam na testagem da adequação quer das ideias de intervenção, quer dos materiais, quer, por exemplo, das horas de intervenção, das dinâmicas de cada espaço, que muitas vezes mudam, que muitas vezes mudam, não, que estão sempre a mudar!

Acho que é essencial uma equipa ser constituída por técnicos e pares e que os pares devem ser técnicos, os pares devem ser profissionalizados. Digo isto no sentido de que uma equipa deve contar na sua constituição com pelo menos um par, como conta pelo menos com um psicólogo, como conta com pelo menos um... Os pares devem constituir a equipa também, para além dos pares como voluntários, os pares serem integrados na constituição da equipa, com a profissionalização de um par, seja a tempo inteiro, seja a meio tempo, mas isso estar por definição conceptualizado à partida.

ii. *Envolvimento dos organizadores de momentos festivos*

Há uma questão também que eu gostava de abordar, nós estamos a falar disto muito na ótica do trabalho das equipas, e do financiamento estatal das entidades mais formais.

Já falámos aqui de alguns atores e não falámos ainda dos promotores de eventos e dos organizadores destes espaços e acho que uma das lacunas em Portugal nestes contextos é o advocacy junto de organizadores, a sensibilização para a importância do serviço e a coresponsabilização; são casos raros e que fazem muita falta! A redução de riscos, muitas vezes, é vista como um elemento terciário e externo na conceção de uma festa e às vezes parece que, pronto, estou a falar em casos extremos, mas às vezes parece que os promotores estão a ceder para que a equipa ali esteja e isso é um reflexo também que há aí muito trabalho para fazer por parte das equipas, que o advocacy não é feito só junto dos legisladores, não é feito só junto da política, também tem que ser integrado isto, e isso é uma das lacunas que eu sinto neste momento.

Mas depende, há organizadores que estão mega sensibilizados, começa a haver cada vez mais organizadores que nos procuram e que fazem questão de incluir os serviços na conceção, desde logo no design da festa, e aos quais muitas vezes não conseguimos dar resposta devido a limitações de recursos humanos e materiais, de financiamento, destas questões territoriais e geográficas do serviço; então, noto que há cada vez mais consciencialização, mas sinto que isso vem de fora, do trabalho que é feito noutros países, e o trabalho de sensibilização junto dos promotores e dos frequentadores que cá falta um bocadinho, acho eu, ainda é visto como um luxo, quando deveria ser visto como uma parte essencial.

Outro dia estava a ler, ok, é uma realidade muito diferente, mas que na Nova Zelândia se estava a pensar que houvesse uma legislação que promovesse que as festas incluíssem sempre redução de riscos. Claro que isto coloca muitos perigos, nomeadamente em que nível é feita esta intervenção depois. Claro que isto coloca muitos desafios, eu não estou a dizer que gostava de ver isso em Portugal assim, mas é isso, quando estás a pensar numa festa, pensas nos artistas, na decoração, nas bebidas, e deves pensar também a par destas coisas em serviços de redução de riscos.

iii. Respostas autónomas, auto-organizadas

Nós, em Portugal, estamos muito habituados a que certo tipo de respostas seja desenvolvido por um certo tipo de estruturas com um determinado tipo de fundos, e sinto falta, e gostava de ver mais em Portugal, a criação, a auto-organização e a criação de respostas de forma autónoma e se calhar com outro tipo de financiamentos que não o governamental, com outro tipo de equipas, autogeridas, que podem ser profissionalizados ou não. No sentido de que seja uma resposta de base e disseminada por vários contextos; que não seja tão formal e não tão dependente da intervenção governamental, estatal, ou seja, haver outras estruturas que não as governamentais a promoverem também este tipo de resposta. Que podem ser auto-organizadas e autogeridas, que podem ser, sei lá... Sim, vejo isso noutros sítios onde não há este tipo de respostas estatais e então as pessoas precisam de se organizar mais nesse sentido. No fundo gostava de ver a democratização do acesso a esta linha de pensamento e a este tipo de filosofia, disseminação por todo o lado.

AS EQUIPAS DE REDUÇÃO DE RISCOS E OS SEUS ELEMENTOS: SABER, ADAPTAÇÃO E ‘PRESENÇA’

Essa diversidade, a capacidade de adaptação e estar também atento, fazeres autoanálise. Sei lá, já houve momentos em que eu estava em sítios com os quais não me identificava, onde não estava exatamente na minha bolha, e a certo momento tive que parar olhei para mim e pensei ‘ok, estás tipo aqui, encostada a um canto, com os braços cruzados, com toda uma postura que se estivesses a passar do outro lado não vinhas falar contigo!’ Então acho que é também a capacidade de adaptação e gostar.

Gostar, sim, está-se a trabalhar em contextos desafiantes, quer pelas condições, quer pelos horários, a imprevisibilidade - mas isso, para mim, tanto é parte

do encanto como do desafio... Se calhar coisas que nós achamos que não fariam sentido, até fazem, e se calhar coisas que nós achamos que fariam sentido, depois implementas e não fazem, por isso eu acho que o importante é adaptar-se as intervenções ao contexto onde se quer intervir e perceber o que é que faz sentido e o que é que seria mais ou menos aceite.

E voltamos ao ponto inicial que é o gostar do trabalho, acho que tens que ter um perfil algo específico em termos de disponibilidade, em termos de capacidade de adaptação, em termos obviamente de achares que tem sentido o que estás ali a fazer ou não. Porque tu estás ali a fazer aquilo com um objetivo, que tu reconheces, que achas válido e achas que vale a pena lutar, suaviza muito as situações em que, sei lá, começa a chover a meio do festival e ficas toda molhada e o material fica todo molhado e vais dormir, chegas à tenda e está tudo molhado ou os organizadores ainda não nos deram senhas para comer e já são 11 da noite, todo este tipo de situações que efetivamente tens que gostar, tens que gostar deste tipo de contextos e tens que gostar do trabalho que estás ali a fazer. Eu gosto sempre do sentimento de chegar a casa - depois de uma intervenção de vários dias, normalmente em festivais - de chegar a casa com a sensação de bom trabalho feito, é isso, gosto dessa sensação de 'ok, correu tudo bem, tive conversas interessantes, estimulantes, e vi algum sentido naquilo que estava ali a fazer'.

A condição party player vs. elemento de equipa de redução de riscos

Acho que são experiências muito diferentes...

Então, para começar, acho que a redução de riscos, muito daquilo que eu acho que deve ser a postura de um profissional na intervenção nestes contextos, eu já tinha em mim, eu já era naturalmente uma pessoa atenta às dinâmicas e curiosa com o que se estava a passar; então de certo modo acaba por ser uma continuidade. Também já tinha feito, para além de frequentadora, já há muitos anos que estou envolvida noutras partes da festa, ou seja porque amigos organizam e eu estou a promover e a vender bilhetes, seja porque estou à porta a vender as entradas, seja porque estou a trabalhar no bar, ou seja, porque tenho muitos amigos nesses contextos que tocam, que organizam e que promovem.

É uma experiência muito diferente, acaba por ser uma experiência muito diferente, quando estás na festa só para te divertires ou quando estás na festa a

trabalhar e eu acho que a intervenção em redução de riscos é por definição presente e requer algum nível de sobriedade e de lucidez. Embora, claro que às vezes há sempre a tentação, e sei lá, bebo álcool e bebo um ou dois copos ao longo de um turno de umas quantas horas, sei lá, nunca estive, felizmente, a trabalhar em contextos abstémicos ou puristas em relação a isso, mas é uma questão de autorresponsabilização, para começar é imprevisível, não sabes o que vai acontecer a seguir na festa, tens que estar vigilante e tens que estar capaz, não sabes se vai chegar a polícia a seguir, não sabes se vai chegar uma pessoa num estado psicadélico muito intenso e difícil e que está super atenta e recetiva a todas as tuas pistas verbais e não verbais. Então acho que se queres praticar isto da presença consciente, tem que se estabelecer limites, para mim isso é o que faz sentido.

Há noites em que acabo o meu turno e fico a beber copos, muitas vezes com as pessoas com quem estava a fazer o turno e ficamos a dançar, porque gosto desse contexto, ou porque gosto desse estilo de música, ou porque até simplesmente nessa noite estou bem disposta e me apetece. E há outras noites em que mal acabam o que tu queres é arrumar as coisas e ir para casa. Ok, há contextos em que tu te identificas mais ou menos, mas também já me aconteceu estar em contextos com os quais me identificava imenso e chegar ao fim do turno, estar exausta e só me apetece ir descansar.

Durante o trabalho, claro que quando estou em determinados contextos me sinto muito mais parte de todo esse ambiente do que quando estou noutra, e isso, sei lá, pela forma de vestir, pela forma de estar na festa, por toda a estética, pela música. E isso com outros elementos das equipas também, por isso é que é interessante que as equipas sejam feitas de muitas pessoas.

DIFERENÇAS DE CENÁRIOS, ADAPTAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES NOS CAMPOS FESTIVOS E NOCTÍVAGOS

A informação e o prolongamento da festa ‘in loco’ para o terreno virtual

A questão da informação é importante, sim, claro, mas mais do que teres a informação é teres pessoas capazes de mediar a informação. Nós vivemos num mundo de overflow de informação e cada vez mais, felizmente, as pessoas estão a aceder a informações sobre gestão de consumos, sobre redução de riscos, sobre drug checking e

é imperativo ter alguém, a equipa ter pessoas, que consigam mediar e que consigam, por exemplo, indicar fontes confiáveis e que consigam desfazer mitos.

Se calhar, há uns 10 anos ou 20 anos atrás era muito importante a disponibilização de informação porque não havia em mais lado nenhum e as pessoas, a não ser alguns geeks que já usavam sites e comunidades muito específicas, não estavam habituadas a ter acesso a este tipo de informação. Hoje acho que isso é ainda muito importante também, mas se calhar já não é tão..., já não é das intervenções mais prioritárias, embora, claro que tem de haver disponibilização de informação, segura, confiável, verificada e sempre atualizada.

Hoje, o virtual acaba por ser uma continuidade da tua vida, acaba por ser o terreno. As pessoas já não vivem só o espaço recreativo no espaço recreativo, no tempo e espaço recreativo, é uma coisa que se prolonga para além disso. É assim que se divulgam eventos, porque as pessoas depois fazem publicidade, postam fotografias, fazem vídeos. Muitas vezes, por exemplo, na comunidade do psytrance é muito comum haver comentários posteriores sobre episódios que se passaram na festa - episódios muitas vezes relacionados com substâncias e com crises ou com situações de emergência que se passaram - e claro que acho que é importante, tanto quanto possível, esse espaço existir, lá está, é tanto objetivo, é tanto terreno de intervenção, é tanto objeto de intervenção como a festa por si.

São canais de comunicação, como meio de comunicação, para colocar questões, colocarem dúvidas... Não só necessariamente em situações de crise, às vezes as pessoas têm experiências muito intensas que têm dificuldades em integrar e pode ser útil conversar com alguém sobre isso, por exemplo; ou às vezes a pessoa pode estar a ter dificuldade em gerir o consumo desta ou daquela substância e também pode ser importante. Ou seja, criar canais de comunicação para quaisquer que sejam as necessidades.

Diversidade de cenários de intervenção: cidade cosmopolita, cidade interior e festivais

As diferenças que eu destacaria passam por as pessoas assumirem ou não o comportamento de uso de substâncias, que em contexto urbano (não interior) e de festival, porque as pessoas estão à partida mais livres de certos constrangimentos sociais, acontece mais; as pessoas estão mais à vontade para dizerem que usam

substâncias ilícitas, que substâncias usam, de que forma usam, do que em contextos menos urbanos, mais fechados, mais conservadores, que valorizam mais certos valores católicos conservadores, e em que, por exemplo, aquilo que a sociedade pensa de ti tem outro peso. Então, eu destacaria logo a facilidade, a abertura que as pessoas têm, destacaria como um desafio do interior, mas depois acaba por se adquirir estratégias com tempo, acaba por se conquistar; requer outro tipo de estratégias. Nestes contextos é um bocadinho voltar atrás e usar outro tipo de estratégias para iniciar a relação que, em pessoas que já estão informadas e que estão mais à vontade no contexto, já não são necessárias.

Entra o que falávamos à bocadinho da capacidade de adaptação da equipa às situações, aos contextos. Se calhar numa intervenção urbana num pôr do sol faz mais sentido disponibilizar informação mais visível sobre determinadas substâncias como canábis e álcool e eventualmente as pessoas recorrerão mais a serviços como testes de alcoolémia ou recolha de material do que, sei lá, numa after party ou numa festa techno pesadão, onde se calhar já faz mais sentido colocares em destaque informação sobre outros tipos de substâncias que se usam mais.

É isso, a capacidade de adaptação, seguindo o princípio de que tens que adequar a intervenção, a intervenção de divulgação de material tem que fazer sentido para aquele contexto. Ou seja, se eu vou para um pôr do sol numa cidade, não faz tanto sentido estar a colocar visível informação sobre metanfetamina, ou sobre... Embora faça todo sentido ter sempre essa informação disponível no caso de precisares. Isto para dizer que a estética da equipa, e o material que tem destaque e que colocas com mais visibilidade, também deve ser adaptado a estes contextos. Idealmente, quer dizer, o stand, ou a mesa, ou o balcão, ou ... é o clique do contacto, então pode assumir diversas formas adequadas a diferentes tipos de cenários. O espaço da equipa, pode ser um stand, pode ser uma tenda, pode ser uma mesa, pode ser uma parte do balcão do bar que esteja à disposição se não houver espaço.

A ‘revelação’ do policonsumo de substâncias

Raramente as pessoas usam só uma substância. Recentemente tem-se tido mais conversas sobre isso, tem sido dado mais atenção ou tem ganho mais destaque, também devido, se calhar, a esta mediatização da informação e ao modo como as pessoas têm acesso a informação sobre; acho que começa a ser uma preocupação mais presente.

Tem a ver também com um número cada vez maior de substâncias disponíveis, sim, mas, sei lá, há substâncias que tradicionalmente se juntam, por exemplo a cocaína e o álcool, que é uma cultura fortemente presente, e em muitos casos indissociáveis, conheço várias pessoas que não usam a não ser que estejam a usar as duas e que eram discussões que eu ouvia pouco há 10 anos, ou que não ouvia, sobre misturas que sempre se fizeram e que não representam para as pessoas perigo nenhum, mas que se calhar representam, não é, e trazer essa preocupação para a discussão é uma coisa mais presente hoje do que era antes e que é muito importante.

Sei lá, se calhar há 10 anos morria uma pessoa num festival de psytrance ou num festival de techno, ou num festival de reggae, ou num festival de fado e não se sabia, ‘pronto, usou drogas e morreu’ e hoje já se fazem notícias sobre o assunto e se calhar já se revela que morreu porque tinha uma combinação entre esta e esta substância que representa perigos muito específicos, então acho que é isso, o modo como a informação flui, mas não sei, isto é só a minha perspetiva...

A fusão entre noite e dia nos contextos de festa e boémios

Nos festivais a noção do tempo é diferente, a vivência do tempo é diferente, dia e noite... mas por exemplo, na cidade do Porto, que é a cidade que eu mais conheço em termos de vivência de contextos recreativos, há 10 anos não havia, tirando num bar ou noutro muito específico, a cultura das pessoas se encontrarem ao fim da tarde para beber um copo e hoje há montes de eventos ao fim do dia, neste bar, naquele, em jardins, em miradouros, em hotéis. Então estamos a falar também da vivência dos contextos recreativos enquanto mercado, e se calhar também com acesso mais massivo e democratizado do que há uns anos 10, 15, 20 atrás.

POLÍTICAS, IMPLEMENTAÇÃO, CRÍTICA E AÇÃO

i. Financiamentos, abrangência e avaliação das intervenções

A redução de riscos, acho que principalmente em contextos recreativos, continua a ser quase não existente. Sei lá, eu não estive, nos últimos 10 anos, em nenhum festival ou festa em Portugal que tivesse intervenção de redução de riscos, a não ser aquelas em que eu estava a trabalhar. Portanto, continua a faltar, quer dizer, falta ainda bem feito, bem feito e que cubra as necessidades reais do território. Já que estamos a falar da redução de riscos temos que falar inevitavelmente do financiamento

e em que linhas é que se inclui esse financiamento, e há por exemplo questões de limitação geográfica e territorial que fazem zero sentido em contextos que são fluídos e móveis como os contextos ditos recreativos e que acabam por limitar, dificultar respostas adequadas, ou respostas mais adequadas.

Fora do território tanto pode ser 300 quilómetros como 5 quilómetros ao lado, ou na freguesia ao lado, ou em freguesias ou cidades que até têm no papel este tipo de resposta, mas em que depois as intervenções desenvolvidas não estão adequadas.

Acho que também falta avaliação deste tipo de intervenção, e que não seja só uma avaliação de quanto material deram, quantas horas de intervenção fizeram e quantas pessoas testaram e quantas encaminharam, mas também não sei dizer exatamente que tipo de avaliação é que poderia ser, mas uma que tivesse uma visão mais ampla da adequabilidade das respostas aos contextos.

ii. Redução de riscos, advocacia e ativismo

A defesa dos direitos da população alvo tem que ser, claramente, um dos princípios basilares ou uma das formas de intervenção, não faz sentido que seja de outra forma, acho eu. Não é, por exemplo, se estás a intervir num bairro e se as pessoas que recorrem ao serviço são alvo de violência policial, obviamente isso tem que ser denunciado e obviamente que se as pessoas não têm competências ou meios para denunciar, faz parte. Então isso aplica-se a outros contextos, se a pessoa chegar a um festival e é revistada arbitrariamente, ou se os seus direitos não são respeitados, se muitas vezes ela até não tem conhecimentos jurídicos, não tem conhecimento dos seus direitos, acho que tem que fazer parte.

O direito ao consumo, quer dizer, isso nem é apenas uma questão ideológica, para mim; se queremos promover formas mais seguras e com menos danos de usar substâncias para pessoas que usam e que não querem, ou que não faz parte dos seus planos, deixar de usar, então, o acesso a consumo seguro, o direito ao consumo seguro, é, eu diria, uma solução para muitas das coisas que nós procuramos remendar.

Porque, por exemplo, havendo acesso seguro às substâncias, deixa de fazer sentido o drug checking, porque as pessoas sabem o que estão a comprar, e mais uma série de coisas, não é... Então eu acho que, na minha conceção da redução de riscos e do que é a intervenção nesta área, isso é só lógico, e é isso, não é sequer só ideológico, é também nesta ótica de saúde, de direito à saúde. Ou seja, eu estou a mover a questão do âmbito ideológico, a discussão não está só a ser ao nível do 'eu acho que todos

deviam...’, está também a ser ao nível do ‘se estamos a promover medidas de saúde, uma medida elementar em farmacologia é tu saberes o que é que estás a usar’, então o acesso seguro tem que estar contemplado.

A FESTA É...

Um momento de encontro que pode ser entre pessoas, que pode ser um encontro com a música, pode ser um encontro com o espaço; é um momento de encontro e de descompressão, livre dos padrões de funcionamento quotidianos. Isso é a festa para mim, claro que há várias maneiras de viver a festa, e hoje cada vez mais num mundo instagramable e transmitido em direto, se calhar há muitos contextos de festa que não são esses, para mim é esse.

*Para mim é isso, é **um momento de encontro e de desencontro com essa rotina e padrões normais de funcionamento**. Claro que não estás livre de protocolos e de modos de ser e de estar, já não estás em total de liberdade, porque há muito protocolo na festa e há muitas expectativas e papéis na festa.*

FORMAÇÃO DA SOCIEDADE PSICADÉLICA DO PORTO

Então, a motivação foi criar uma plataforma de encontro local para que as pessoas se encontrassem em torno dos psicadélicos, das substâncias psicadélicas e dos estados psicadélicos, em todas as suas representações, da arte, à ciência, à terapia. Então a ideia foi criar uma plataforma de contacto e de entreaajuda, e acho que isso de certo modo é ativismo, embora não tenhamos objetivos específicos de ativismo desenhados neste momento, estamos ainda na fase de encontro, mas acho que isto também é fazer ativismo quotidiano, criares disrupção. E também criar esta plataforma local inserida num momento em que globalmente isto do desenvolvimento da cena psicadélica está a acontecer a um ritmo cada vez mais acelerado e de forma incrível.